

GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM NÍVEL MÉDIO TÉCNICO

Juliana de Carvalho Castro ¹
Marcel Alvaro de Amorim ²

RESUMO

Por meio deste trabalho, ambiciona-se sobre a abordagem de questões de gênero e interseccionalidades na formação de docentes em um Curso Técnico de Formação de Professores em nível Médio de uma escola privada do Município do Rio de Janeiro. Para isso, recorrer-nos-emos à bibliografia sobre o assunto para a apropriação dos conceitos a fim de planejar uma Sequência Didática. Acreditamos que a discussão sobre a temática de gênero e suas interseccionalidades poderá contribuir para uma formação crítica de professores em nível Médio-Técnico como futuros profissionais que ponderem sobre a diversidade presente na nossa sociedade e, conseqüentemente, nas salas de aula. Para tanto, construímos neste artigo o planejamento da sequência proposta a partir de uma visão qualitativa e intervencionista da investigação científica, uma vez que a sequência elaborada tendo em vista a aplicação desse material em uma de nossas salas de aula.

Palavras-chave: Educação profissional e tecnológica, Ensino médio-técnico, Formação de professores, gênero, sequência didática.

INTRODUÇÃO

A Educação Brasileira, de forma frequente, tem se associado aos interesses políticos e do mercado em detrimento à formação *omnilateral* dos educandos; isto é, a uma “concepção de educação ou de formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico” (FRIGOTTO, 2012, p. 267). Com efeito, se torna urgente a necessidade de promoção de uma educação para além do capital (MÉZÁROS, 2005), especialmente na modalidade da Educação Profissional e

¹ Mestranda do Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ, juliana.online@gmail.com;

² Professor orientador: Doutor, Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - IFRJ, marcel.amorim@ifrj.edu.br.

Tecnológica (EPT), acrescentamos, formando discentes críticos no sentido de serem capazes de identificar a exploração existente e de terem condições de lutar contra ela.

Na Educação Profissional, em específico, a separação que geralmente existe entre o ensino propedêutico e o técnico, parece impossibilitar um processo formativo para a emancipação humana e o desenvolvimento de cidadãos questionadores em prol da educação tecnicista para o mercado de trabalho. Parece-nos necessário, então, para o alcance de um movimento educativo omnilateral, a superação do caráter dual desse movimento e o pensar em uma educação unitária, integrada, que considere as diferentes dimensões do ser humano que atuara nesse mundo do trabalho. Dentre os itinerários formativos ofertados para a EPT em nível nacional, ainda há aqueles cursos que formam o educando, em nível Técnico, para a docência.

Atualmente, para ser professor no Brasil, ainda admite-se a formação mínima em nível médio, além da formação nas licenciaturas. Nosso contexto de pesquisa será a formação técnica, especificamente, o Curso de Formação de Professores em nível pós-médio para discentes que concluíram a educação básica. A Sequência Didática que neste artigo planejamos será desenvolvida para aplicação nesse contexto formativo em diálogo com as disciplinas pedagógicas que embasam o curso Técnico de Formação de Professores. Dessa forma, espera-se contribuir para o debate sobre questões de gênero e suas interseccionalidades na Formação de Professores na EPT.

Destaca-se que, nos dias de hoje, os professores, muitas vezes, não recebem uma formação que os orientem a construir espaços para práticas de respeito às diferenças, que os auxilie a contribuir para uma sociedade justa e igualitária e a quebrar antigos paradigmas pedagógicos. A modalidade Educação Especial tal como pensada na maior parte dos contextos de formação de professores não parece mais atender às necessidades contemporâneas. De fato, falamos sobre Educação Inclusiva, porém, não se leva em consideração os alunos marginalizados por questões de gênero, orientação sexual, raça e classe; dessa maneira, contribuindo para perpetuar as injustiças e desigualdades sociais. Consideramos, assim, que faltam aos Cursos de Formação de Professores uma discussão aprofundada sobre a diversidade, sobretudo, em relação às temáticas de gênero e suas interseccionalidades.

Este artigo buscará, assim, refletir sobre o planejamento, a partir de uma visão crítica e consubstancial da temática, de uma sequência didática que aborde questões de gênero e suas interseccionalidades para a formação de docentes em um Curso Técnico de

Formação de Professores em nível médio de uma escola privada do Município do Rio de Janeiro.

Acreditando que as escolas são os espaços iniciais de revolução, afirmamos que é nesse ambiente que deve ser oportunizado o contato com temáticas urgentes e necessárias como a do gênero e suas interseccionalidades. Isso pode ser realizado a partir da busca por brechas e pela apresentação aos educandos de temas que visam a contribuir diretamente com a sociedade mais justa e democrática que almejamos. Assuntos como esses precisam ser encorajados a partir de discussões acadêmicas em relação direta com a problematização das práticas educacionais. Ademais, é essencial a produção de materiais didáticos que ofereçam bases teórico-epistemológicas aos futuros professores para que eles se sintam preparados para discutir essas questões em suas salas de aulas.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EPT

No que diz respeito à formação de docentes, no Brasil, para ser professor, a titulação mínima exigida ainda é o ensino médio técnico. Em nossa sociedade, o ensino médio técnico está atrelado ao preparo do aluno para o mercado de trabalho. Atualmente, estamos acompanhando as mudanças desse nível de ensino regulamentadas pelo novo ensino médio, o que nos traz a preocupação de uma escola que pode não se amparar em uma formação integral dos educandos. A formação integral é aqui entendida, de acordo com Ramos (2014, p. 94), como aquela que “sugere superar o ser humano dividido historicamente pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar”.

Nossa Constituição Federal prega que a educação deve preparar os alunos para exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Entretanto, hoje, em nossas escolas duais, não conseguimos oferecer um ensino omnilateral. De acordo com Ciavatta (2014, p.188), “essa compreensão é especialmente importante para nós que somos não apenas estudiosos do tema. Somos também militantes de uma causa, a qualidade da educação que desejamos que seja um direito assegurado a todos os trabalhadores brasileiros e a seus filhos”.

Por educação omnilateral, como sinalizamos na introdução, compreendemos, segundo Ciavatta (2014, p.190), “formar o ser humano na sua integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica”. Essa é a formação desejada para todos, e esse

modelo de educação torna-se necessário na contemporaneidade, pois supera a dicotomia formação versus emprego e pondera sobre a educação integral dos educandos. Com efeito, uma formação omnilateral busca romper com as ideologias capitalistas, retirando da escola o olhar de produção, do consumo e levando os discentes a cogitar sobre o trabalho produtivo, que não aliena. Indo além, a omnilateralidade imprime uma possibilidade de educação que liberta a sociedade das amarras do capitalismo, que nos aprisiona, nos paralisa no ideário criado para nós no qual o consumismo exacerbado justifica e empreende tudo.

Os cursos de Formação de Professores em nível técnico ainda existentes se caracterizam como cursos em EPT que têm por expectativa proporcionar formação a partir das habilidades e competências consideradas indispensáveis aos futuros docentes, assegurando os conhecimentos e peculiaridades necessários ao exercício da docência. Aponta-se que a formação técnica em nível médio atende aqueles que necessitam de uma inserção rápida ao mercado de trabalho. Ressaltamos também que essa formação deveria ser inicial, como sinalizado na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e que políticas públicas de estímulo a carreira profissional docente deveriam impulsionar a continuidade dos estudos em nível Superior. Dessa forma, poder-se-ia lograr êxito de, futuramente, todos os docentes da educação infantil ao 1º segmento do ensino fundamental possuírem a formação mínima em licenciatura de Pedagogia.

Nos cursos de nível técnico de Formação de Professores, diversos saberes são desenvolvidos, julgando que oferecer conteúdos pedagógicos e disciplinares aliados a técnicas de ensino e aprendizagem asseguraria a qualificação de professores para as exigências pedagógicas cotidianas. No entanto, como percebemos por nossa própria formação e prática docente enquanto formadores de educadores, poucos conhecimentos sobre gênero e suas interseccionalidades geralmente são dispostos nos currículos dos cursos oferecidos.

Para que a discussão dessa temática pertença aos projetos pedagógicos das instituições, nos parece ser necessária uma mudança nos programas curriculares dos cursos de Formação de Professores, garantindo nesses projetos uma sólida construção da abordagem sobre gênero e suas interseccionalidades. Essa empreitada, apesar de aparentemente substancial, encontra respaldo tímido nas políticas públicas mais recentes para a área de educação, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Acreditamos que temáticas de Gênero e Interseccionalidades poderão favorecer uma formação crítica de professores em nível Médio-Técnico. Na pesquisa aqui descrita, esse processo de disseminação das temáticas mencionadas se dará por meio de uma proposta didática que possa promover a des/reconstrução de ideias preconcebidas sobre gêneros e suas interseccionalidades em circulação na nossa sociedade e a revisão de práticas pedagógicas possíveis a partir do trabalho com as questões em debate. Nesse sentido, acreditamos ser fundamental uma indissociabilidade entre formação docente e prática, com um currículo formativo que atenda as reivindicações da sociedade, visando a educar para um pensamento crítico em sala de aula e a ofertar uma formação omnilateral.

GÊNERO E SUAS INTERSECCIONALIDADES

Gênero, de acordo com Guacira Lopes Louro (2008), é aprendido em nossa sociedade a partir de inúmeras práticas sociais. Não se dá no momento do nascimento, sua construção ocorre ao longo de toda vida. Além disso, o conceito de gênero – assim como os de raça, sexualidade e classe, por exemplo – está em constante discussão em nossa sociedade: Melo e Paula (2019, n.p.) ressaltam que "[n]a web, encontramos sites, blogs, perfis nas redes sociais diversas que discutem sobre, em alguns casos de forma simplória, conceitos sobre o que seria 'ser' menina ou menino na contemporaneidade." Nesse debate, diversos discursos acabam por polarizar gênero como binário e biológico, construindo um arcabouço de estereótipos que envolvem vestimenta, comportamento ao se sentar, modos de falar, dentre outros, que constroem uma determinada visão do gênero.

Hirata (2014), por sua vez, afirma que relações de facetas identitárias como a do gênero são sempre atravessadas por outras de nossas identidades e propõe, então, uma abordagem a partir da ideia de interseccionalidade. A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa a apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Essa abordagem teórica "refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual.

O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na

produção e na reprodução das desigualdades sociais” (BILGE apud HIRATA, 2014, p. 63).

Evidencia-se, dessa forma, a necessidade da discussão dessas temáticas em cursos de Formação de Professores, uma vez que os futuros docentes necessitam estar preparados para os desafios reais das salas de aulas; se temos uma sociedade diversa, as escolas serão o reflexo dessa sociedade. Infelizmente, alguns professores não parecem estar preparados para o trabalho com a diversidade, já que muitos ainda parecem possuir uma concepção de escola tradicional, em que os alunos deveriam se adequar a essa instituição.

No entanto, hoje, sabemos que os docentes também necessitam se adaptar às demandas dos alunos e acompanhar a dinâmica da sociedade. Trabalhar essas temáticas poderia, então, em algum nível, formar docentes habilitados a lidar com as diferenças. É necessário ressaltar, neste ponto, que entendemos que temáticas como gênero e interseccionalidades normalmente se adequam na parte diversificada do currículo, devendo ser trabalhadas de forma transdisciplinar pela incorporação, em diversas disciplinas, de conhecimentos que abordem esses saberes. Entretanto, na formação de professores, a temática se enquadra enquanto conhecimento essencial e deveria, dessa forma, ser incorporada em posição central entre as disciplinas de cursos com esse intuito.

De fato, a escola é um dos espaços que auxilia nas transformações sociais, e, por isso, necessitamos de profissionais com pensamento crítico, a partir de uma formação voltada a educar sujeitos que não apenas participem das práticas sociais existentes, mas também que transformem e produzam ativamente essas práticas (GREEN, 1998), na tentativa de garantir uma sociedade democrática e justa para todos. Soares e Monteiro (2019, p. 288) afirmam ainda que:

O debate em torno de questões envolvendo sexualidade e gênero vem ganhando cada vez mais espaço nos diversos âmbitos sociais, conjugando-se até mesmo com a luta pelos direitos humanos e pela democracia no país. A todo instante diferentes discursos se contrapõem, configurando-se num quadro de avanços e recuos na luta pela igualdade no Brasil.

Diante disso, faz-se necessária a criação e manutenção de práticas pedagógicas que pensem em uma educação de qualidade para todos e de propostas que levem a um (re)pensar sobre os conhecimentos a serem adquiridos pelos estudantes na Educação Profissional em sua trajetória de tornar-se docentes. Acreditamos que, desse modo, teremos professores preocupados, durante sua atuação, com uma proposta pedagógica

que inclua todos os seus alunos, conscientes que a sua profissão é um dos mecanismos de transformação social.

METODOLOGIA

Esta pesquisa categoriza-se como qualitativa e intervencionista. O paradigma qualitativo de pesquisa é demarcado por Denzin e Lincoln (2006) como uma investigação que se situa em dado momento histórico, se dispendo a situar o pesquisador no contexto da análise e oferecendo materiais e dados interpretativos que sustentam as evidências do estudo. Os pesquisadores, num paradigma qualitativo, observam os dados nos cenários naturais para compreender os assuntos. Esse paradigma é importante, pois atende a pontos peculiares sem necessidade de quantificação, gerando dados de forma empírica, utilizando trabalho em campo como observação e ofertando grandes possibilidades de práticas interpretativas.

Já a natureza intervencionista se refere, segundo Neto e Teixeira (2017), a uma variedade de apuração necessária para produzir conhecimentos, caminhos inovadores, suscitando interferências durante o processo de geração de dados. Esse método de pesquisa é relevante para a investigação aqui proposta uma vez que ela irá refletir sobre o planejamento de uma sequência didática que tem por objetivo intervir na realidade da sala de aula através de sua aplicação, possibilitando, assim, a transformação do trabalho pedagógico no curso de Formação de Professores em nível Técnico em investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tentativa de atingir aos objetivos propostos, foi desenvolvida a seguinte sequência didática: *É de menino ou de menina? Uma abordagem sobre questões de gênero nas rotinas pedagógicas na Formação de Professores/as em Nível Médio Técnico*. Esse produto educacional foi planejado para aplicação em uma turma de Formação de Professores do Ensino Médio Técnico. Optamos pela escolha de uma sequência didática que é, conforme Zabala (1998, p.18), “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

Em razão da pandemia da SARS-CoV-2, popularmente, conhecida como Coronavírus (COVID-19), as aulas presenciais foram proibidas para evitar o contágio durante esse período. As instituições de ensino precisaram se ajustar e oferecer aulas à distância, em razão do isolamento social. A sequência didática foi, então, planejada para ser realizada de forma remota, com encontros síncronos. É importante mencionar também que esse material foi desenhado de modo a ser destinado para uso em uma turma com 20 alunas do curso técnico em formação de professores de uma instituição particular no Rio de Janeiro.

O material proposto foi organizado considerando as seguintes dimensões do processo formativo, alicerçadas na proposta de Zabala (1998, p. 67): a) os conhecimentos prévios dos alunos; b) a significância e funcionalidade dos novos conteúdos; c) o nível de desenvolvimento dos educandos; d) a zona de desenvolvimento proximal; e) conflito cognitivo e atividade mental; f) a proposição de atitude favorável; g) o desenvolvimento da auto-estima e h) a proposta de autoconceito e do aprender a aprender. Buscamos também oferecer um material a partir da perspectiva omnilateral, como especificado em nossa formação teórica.

Ademais, por não acreditarmos que uma sequência poderia ser proposta sem a consideração de quem são os educandos que a utilizarão, consideramos os conhecimentos prévios das alunas da turma para a qual o material foi planejado sobre a temática de gênero e suas interseccionalidades, com base em um questionário semiaberto de sondagem aplicado para turma por meio da ferramenta Google Forms. Após a análise das respostas, finalizamos o planejamento inicial da sequência didática, que tem 5 encontros com tempo estimado de 2h de duração. Abaixo, apresentamos o planejamento desses encontros, objetivo central deste artigo, que foi elaborado em diálogo com as bases teóricas apresentadas.

1º encontro

Tema: Homem com H

Objetivos: Introduzir a discussão sobre gênero; Promover o debate sobre a temática alicerçada no contexto escolar; Possibilitar a construção de novos conhecimentos a partir de um (re)pensar sobre os papéis de gênero na sociedade.

Estratégia Didática: Iniciaremos o encontro com a música Homem com H interpretada por Ney Matogrosso, para instigar a turma uma reflexão sobre o papel de homens e

mulheres na nossa sociedade. Após a sequência proporá o trabalho com quatro estudos de casos sobre o papel do estudo de gênero nas escolas. Todos os casos são acompanhados de perguntas provocadoras sobre as questões. Finalizaremos o encontro assistindo o curta-metragem “Vida Maria” para que se possa refletir sobre a importância da escolarização em nossa sociedade.

2º encontro:

Tema: De toda Cor

Objetivos: Compreender os conceitos: gênero, sexo biológico e sexualidade.

Estratégia Didática: A proposta para o encontro inicia-se com a música “De toda Cor” escrita e interpretada por Renato Luciano, para retratar as diferenças e refletir sobre as identidades socialmente construídas. Para esse encontro, abordaremos na sequência o significado das definições de *gênero*, *sexo biológico* e *sexualidade*. A seguir, propõe-se um aprofundamento na questão a partir da leitura do texto: “Gênero: as desigualdades entre as mulheres e os homens”, retirado do material *Escola sem homofobia*, do Ministério da educação (BRASIL, 2009). A leitura do texto é acompanhada de perguntas geradoras de debate e reflexão. Ao final, a sequência propõe, como sugestão de filme, *O sorriso de Monalisa*, para ampliar o debate.

3º encontro:

Tema: Estudo Errado

Objetivos: Ponderar sobre currículo e práticas pedagógicas; Associar as interferências da cultura nos espaços e intencionalidades pedagógicas, valorizando e acolhendo as diferenças nas rotinas escolares.

Estratégia Didática: O encontro proposto inicia-se com a música “Estudo Errado”, escrita e interpretada por Gabriel O Pensador, para consideramos o papel masculino e feminino apresentado na canção e para refletirmos sobre como o autor entende o papel da escola. A sequência também propõe a realização da leitura dos textos: “Práticas e espaços escolares” e “O currículo e a transversalidade: a inclusão dos temas sociais na escola”, retirados do material *Escola sem homofobia*, do Ministério da Educação (BRASIL, 2009). A leitura dos textos é acompanhada de perguntas geradoras de debate e reflexão. Ao final, é proposta como sugestão de filme *A Onda*, para ampliar o debate.

4º encontro:

Tema: Construção do Laboratório Pedagógico

Objetivo: Planejar um laboratório de práticas pedagógicas, para apresentação da parte teórica do tema em conjunto com atividades práticas sobre o assunto.

Estratégia Didática: Propõe-se iniciar o encontro com a leitura do texto problematizador “Brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas”, retirado do material *Trabalhando Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Currículo e Prática Pedagógica* do Instituto de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (BORTOLINI, 2014). Em seguida, objetivamos explicar a proposta do laboratório pedagógico e os pontos que serão avaliados nos trabalhos, como: material utilizado e a abordagem de gênero apresentada, tempos de apresentação dos grupos, produção das propostas/atividades e aplicabilidade dos recursos na prática pedagógica. A sequência propõe que a turma seja dividida em 4 grupos para trabalhar os seguintes temas: a) Abordagem de gênero na Educação Infantil; b) Abordagem de gênero em aulas de Linguagens do Ensino Fundamental; c) Abordagem de gênero em aulas de Estudos Sociais no Ensino Fundamental; d) Abordagem de gênero em aulas de Ciências do Ensino Fundamental.

5º encontro:

Tema: Laboratório Pedagógico

Objetivo: Apresentação dos trabalhos desenvolvidos, a partir dos saberes mobilizados durante a Sequência Didática.

Estratégia Didática: Apresentação dos trabalhos desenvolvidos pela turma por meio de exposição didática dialogada e empregando recursos didáticos e tecnológicos possíveis no contexto online de aula via aplicativos de reuniões virtuais.

Por fim, ressaltamos que a sequência já foi aplicada na turma escolhida, no entanto, foge aos objetivos desse trabalho a discussão sobre os resultados dessa aplicação que, no momento, encontram-se em análise e serão divulgados em dissertação de mestrado a ser defendida no Programa Profissional de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Rio de Janeiro – ProfEPT-IFRJ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe como objetivo desenvolver, a partir de uma visão crítica e consubstancial da temática, a abordagem de questões de gênero e suas interseccionalidades na formação de docentes em um Curso Técnico de Formação de Professores/as em nível Médio. O trabalho com questões identitárias na formação inicial de professores pode ser considerado desafiador pelos profissionais, uma vez que poucos conhecimentos são dispostos nos currículos sobre a temática e muitos educandos não tiveram contato com esses saberes durante sua formação

Nosso propósito com a elaboração da Sequência Didática foi organizar um material que atendesse esses futuros professores, que os auxiliasse a tratar dessa temática de forma responsiva e responsável (AMORIM, 2017) nas suas turmas. Considerando a urgência do debate dessa questão, não podemos nos silenciar nessa discussão. Entendemos que a educação é construída pela cultura e ideologias que perpassam a sociedade. Dessa forma, as escolas mantêm em seu cerne um conflito de interesse em se manter tradicional ou se adaptar as demandas da contemporaneidade. Defendemos uma educação que atenda todos os educandos e provoque mudanças necessárias, compreendemos que as escolas são instituições que contribuem as transformações sociais.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. A. de. A linguística aplicada e os estudos brasileiros: (inter-)relações teórico-metodológicas. *Rev. bras. linguist. apl.* vol.17, n.1, p.1-30, 2017.

BORTOLINI, A. *Trabalhando diversidade sexual e de gênero na escola: currículo e prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Instituto de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

BRASIL. *Caderno escola sem homofobia*. Brasília, DF: MEC, 2009.

CIAVATTA, M; O ensino Integrado, a Politecnia e a Educação Omnilateral. Por que lutamos. *Trabalho & Educação*, v.23, n.1, p. 187-205, jan-abr, 2014.

DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y.S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.K. e LINCOLN, Y.S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens*. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 15-41.

FRIGOTTO, G. Educação omnilateral. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (orgs) *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GREEN, B. *Subject-specific literacy and School learning: a focus on writing*. Australia Journal of Education, 30(2): p.156-69, 1998.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo soc.*, vol.26, n.1, 2014.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, agosto de 2008.

MELO, G. C. V. de; PAULA, L. de. Apresentação. Dossiê Discursos de Gênero, Sexualidade e Raça. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.1-7, 2019.

MÉSZÁROS, I. *A Educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

NETO, J; TEIXEIRA, P. Uma proposta da tipologia para pesquisas de natureza interventiva. Bauru, *Ciência e Educação*, v.23, n.4, p.1055-1076, 2017.

RAMOS, M. N. *História e política da educação profissional*. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

SOARES, Z; MONTEIRO S; Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidade e desafios. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan./fev. 2019.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.